

## **Carta ao rapaz que me amou, carta ao rapaz que eu amei: Um ensaio sobre experiência estética, cultura pop e desencontro amoroso**

Dieison Marconi<sup>1</sup>

**Resumo:** Tomando como ponto de partida a experiência estética com diferentes produtos da cultura pop e/ou popular que exploram o sentimento amoroso em sua faceta romântica, esse texto depura alguns códigos e clichês que compõem essa imagética amorosa. A partir dessa depuração, reflete-se sobre como o amor romântico, embora possa não sobreviver enquanto modelo viável de relação, ainda subsiste como experiência estética. Recorre-se à escrita anacrônica de duas cartas de amor como proposta metodológica e a teorização como dispositivo de memória pessoal e cultural, afastando a crítica comunicacional e sociológica de uma tessitura “séria e engajada” contra o amor romântico na cultura pop e propondo, inclusive, uma reflexão reparativa (SEDGWICK, 2020) a respeito das diferentes formas pelas quais sujeitos e comunidades minoritárias se nutriram e/ou se nutrem com objetos de uma cultura cujo desejo declarado foi, muitas vezes, o de não as sustentar.

**Palavras-chave:** experiência estética; cultura pop; amor romântico; práticas reparativas.

---

<sup>1</sup> Doutor em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Pós-doutorando em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

## **Ao rapaz que me amou**

Javier,

Hoje, ao escutar por acaso uma canção açucarada de Kate Bush em que ela canta que a partir do momento em que está apaixonado todas as cores são mais brilhantes e que o ontem é sempre bom demais para esquecer, lembrei do dia em que nos conhecemos na estação de Atocha em Madrid após um *match* no Tinder. Naquela época, a capital espanhola já não era mais um lugar estrangeiro para mim. Ali, na estação, eu descia e subia escadas, andava pelo jardim central, investigava as faces das pessoas que circulavam na expectativa de que muito em breve você surgisse entre elas e de que eu seria rapidamente arrebatado pelo seu rosto tomando forma em meio à multidão.

Após cerca de vinte minutos de espera, você surgiu no alto do andar superior junto a escada rolante e sinalizou com a mão para que eu fosse ao seu encontro. Fui em direção a escada, e enquanto ela me levava até você, um sentimento antecipado de frustração tomou conta de mim quase por inteiro, algo muito diferente daquele sentimento descrito pela voz melíflua de Kate Bush. Durante aqueles minutos, Javier, eu não entendi. No entanto, o sentimento morno de frustração e melancolia me acompanhou nos últimos meses em que estivemos juntos e acho que agora, finalmente, acho que eu compreendo.

Estava tudo ali, Javier: uma estação de metrô em uma cidade estrangeira, pessoas de todas as partes do mundo a circular e no meio de tantos passos apressados, nós dois paramos para nos conhecer. Durante muito tempo, depurei esses códigos, clichês e gestos primários que compuseram a imagética amorosa do nosso primeiro encontro e que, apesar disso, não fizeram com que eu me apaixonasse por você. Alguns anos depois, já me sentindo um “gato esquentado”, conversei com um amigo sobre essa sensação de que na medida que envelhecemos e vamos desconstruindo, ou acreditando

que desconstruímos, o amor romântico, ele ainda subsiste não como modelo viável de relação, mas como experiência estética.

Isto é, ele sobrevive nas relações que mantivermos com filmes, músicas, novelas, cartas, poemas e toda uma miríade de objetos culturais, midiáticos, populares e açucarados que, ao mesmo tempo em que se presentificam em nossa vida ordinária, também interrompem a engrenagem e o fluxo do cotidiano. Continuo a acreditar nisso, Javier. Não como um postulado incontornável, mas sim como uma percepção cada vez mais pacificada de que é através do envolvimento afetivo com os repertórios da cultura pop que nós ainda podemos, se assim permitirmos, nos aprazer, sem culpa, com esse sentimento cafona e anacrônico que chamamos de amor romântico.

As canções pop açucaradas e radiofônicas, as comédias românticas hollywoodianas, as incandescentes novelas mexicanas, o cancionero popular brasileiro ou mesmo os passionais filmes de Pedro Almodóvar, a exemplo de *Laberinto de pasiones* (1982) e *La ley del deseo* (1987), os quais você adorava, são saturados desses códigos que uma crítica queer e feminista apontam como partícipes de um dispositivo histórico, cultural e jurídico que não apenas cristaliza um modelo de cidadania generificada e sexuada, mas que também exclui e violenta, higieniza e regula, as experiências sexuais de mulheres e das populações não cisgêneras e não heterossexuais. Eu e você sabemos disso, e até concordamos, ao menos em parte, com várias dessas críticas.

Ainda assim, a despeito de todas essas críticas por vezes enfadonhas, volto a dizer que minha experiência estética com essas imagens românticas costuma neutralizar aquilo que há de mais implacável na experiência corrente dos dias: a gestão cultural do tempo, uma certa sensação de crononormatividade. Você ainda sabe como isso funciona?! É como se diante de *Para sempre Cinderela* (1998), dirigido por Andy Tennat e tendo Drew Barrymore como protagonista, o filme me apontasse para algo

excepcional, algo que me arranca da engrenagem cotidiana e me desperta o desejo de identificar as condições que ainda torna, muitas vezes, esse arrebatamento possível.

Hans Ulrich Gumbrecht, um autor que li dias atrás, costuma dizer que quando determinada experiência estética é uma interrupção inesperada no fluxo do cotidiano, significa que determinada imagem ou objeto presentificado em nossa rotina ganhou uma “aparência estranha” ou causa um “sentimento de estranheza”. Mas não acho que seja apenas isso, Javier. Talvez, a palavra estranheza possa ser substituída por algo como identificação nostálgica de algo que não se viveu e nem se viverá, ou mesmo algo que Heather Love chamou de “sentimentos de atraso” (2007), especialmente considerando que já sou uma bicha de 30 anos que fica deliciosamente consternada quando se depara com esse tipo de experiência. Acho que também é por isso que lhe escrevo, porque lhe escrever é me permitir fazer uma experiência com as experiências presentificadas por essas séries, filmes e canções que durante muito tempo eu não consegui afastar de maneira mais crítica.

Naquela noite em que lhe conheci, você usava um coturno preto de salto plataforma que lhe conferia alguns centímetros a mais. Entretanto, você era só mais um garoto espanhol de estatura mediana, como eram a maioria dos garotos espanhóis com os quais eu já havia saído. Seu cabelo era preto com as laterais raspadas e um piercing nada discreto despontava do seu nariz. Saindo de *Atocha* pelo andar superior, caminhamos em direção à *Lavapiés* onde encontramos um bar que servia drinks brasileiros. Você me contou que havia acabado de chegar em Madrid, que era a primeira vez que estava morando longe de sua família e que estava procurando emprego na cidade. Contou também que faria aniversário em pouco menos de um mês, que tinha uma amiga brasileira naturalizada espanhola e que não dormira bem na noite anterior.

Depois caminhamos um pouco pela *Gran Vía*. Enquanto isso, eu sentia uma insegurança vibrar em seu corpo. Pegamos um carro alugado e fomos para sua casa que, naquela época, estava relativamente longe do centro de Madrid. Quando entramos em

seu quarto, você acendeu algumas velas e colocou para tocar uma música de alguma banda inglesa pop/indie da qual não recordo o nome. Em seguida, me apresentou alguns livros de uma amiga escritora que vivia em Barcelona. Li alguns trechos e menti que havia gostado. Talvez realmente fosse uma literatura legal, mas naquele momento eu já estava com muita vontade de transar e não consegui prestar atenção. Não que você fosse um Antônio Bandejas, ator que tantas vezes povoou meu imaginário erótico, mas eu queria ao menos extrair uma noite de sexo daquela experiência que, até então, não atendia a minha pueril e imatura expectativa de arrebatamento amoroso. Transamos, de fato. Mas, antes disso, você me contou que não havia conseguido dormir bem durante a última noite porque estava nervoso para me conhecer. Enquanto você falava, sua figura parecia se dissolver na meia luz do quarto.

Acordamos num domingo frio e ensolarado, saímos para tomar um café e passamos um dia bonito juntos. Depois, você me acompanhou até a estação de metrô, conversamos mais um pouco e eu disse que na próxima terça eu viajaria para a França, que ficaria dez dias em Paris. Mas acrescentei que caso você estivesse a fim, poderíamos nos encontrar assim que eu retornasse da França. E você, com um sorriso desmedido e apaixonado, me disse: *claro, si tu no volveres enamorado de un parisino*. De fato, não voltei apaixonado por nenhum parisiense. Mas também não sei porque eu lhe disse que poderíamos nos encontrar quando, no fundo, eu não estava a fim de encontrar você novamente.

Hoje tenho mais clareza de que naquela manhã fria de domingo, quando nos beijávamos enquanto o metrô não chegava, novamente passava pela minha cabeça um desfile de pensamentos paranoicos. Era como se todo o imaginário das paisagens novelescas, assim como as paisagens dos melodramas hollywoodianos, estivessem ali, presentificadas naquela manhã de domingo. E, ainda assim, eu não estava apaixonado por você. Hoje, felizmente, não tenho buscado os arrebatamentos amorosos que um dia busquei com você. Mas, ainda assim, quando escuto a canção *Aconteceu*, de Adriana

Calcanhotto, ainda me pergunto como “um grande amor” pode acontecer sem que haja um chão de estrelas de baixo de nossos pés

Aconteceu quando a gente não esperava  
Aconteceu sem um sino pra tocar  
Aconteceu diferente das histórias  
Que os romances e a memória  
Têm costume de contar  
Aconteceu sem que o chão tivesse estrelas  
Aconteceu sem um raio de luar  
O nosso amor foi chegando de mansinho  
Se espalhou devagarinho  
Foi ficando até ficar  
Aconteceu sem que o mundo agradecesse  
Sem que rosas florescessem  
Sem um canto de louvor  
Aconteceu sem que houvesse nenhum drama  
Só o tempo fez a cama  
Como em todo grande amor.<sup>2</sup>

Não sei você conhece essa canção. Na verdade, não lembro se essa foi uma das cantoras brasileiras que eu apresentei a você. Se apresentei, provavelmente eu devo ter dito algo como “eu escuto desde criança! Eu era adolescente e ligava para a rádio da minha cidade, sem me identificar, e pedia para que tocassem Devolva-me”. Eu sei que essa e outras canções brasileiras talvez não conjuguem para você uma ideia de música pop, mas lembra que eu lhe disse que as músicas de Adriana sempre tocaram em novelas da Rede Globo? Essas acepções de cultura pop, e isso talvez você saiba, podem variar de acordo com o contexto geográfico e cultural. Aqui, no Brasil, e mais amplamente no contexto da América Latina, o termo pop não diz respeito apenas ao popular midiático (produtos midiáticos, serializados e orientados para o grande público), mas também diz respeito à cultura popular (ou folclórica). Ou, ainda, e como me ensinaram as leituras de Martin Barbero nas aulas de Estudos Culturais Latino-americanos, o pop pode dizer respeito a uma teia consistente de mestiçagens,

---

<sup>2</sup> Aconteceu, composição de Péricles Cavalcanti e Adriana Calcanhotto.

cruzamentos e de transformações do urbano e do popular como um lugar de conflito, assim como pode dizer respeito à reivindicação do massivo como existência do popular.

Lembro que horas antes de eu viajar para a França, recebi um áudio seu no WhatsApp. Você lembra disso? Era uma noite de segunda-feira e você me perguntou se poderia ir ao aeroporto para se despedir de mim. Achei estranho, mas também achei bonito, e disse que sim. Na manhã seguinte você foi comigo até o aeroporto, tomamos um café e até fizemos uma pegação *soft* em um espaço do aeroporto onde não havia muitas pessoas circulando. Depois, embarquei para a França. Fui a Paris me sentindo, como também se sentiu Nesthor Pelhorguer (1999) quando foi à capital francesa nos anos 1980, uma garota proletária fascinada pelas luzes benjaminianas das passagens de Lutécia. Fiquei 10 dias na cidade e, no dia anterior à viagem de volta para Madrid, você me escreveu pedindo o horário em que meu avião pousaria. Me perguntou apenas isso. Respondi que eu chegaria pela manhã. O que eu não esperava era que ao chegar no aeroporto de Madrid-Barajas, você estaria ali me esperando, sorrindo. Quando vi você ali, perguntei para mim mesmo: por que eu ainda não estou apaixonado por você? Por que eu não me apaixono o “suficiente” para você ser o meu primeiro namorado?

Já era novembro e seguimos nos encontrando pelos meses que seguiram. Você passou a me chamar carinhosamente de *niño mayor*, enquanto você era o *niño menor*. Nesse meio tempo viajei para outros lugares e eu gostava da experiência de voltar para Madrid e ter você para dormir de conchinha, mesmo que eu não estivesse apaixonado por você e mesmo que eu continuasse saindo com outros garotos. Naquela época eu ainda não tinha 30 anos, Javier. Ainda assim, a voz de Marie, do filme Amores Imaginários (Xavier Dolan, 2011), já ressoava a bastante tempo em minha mente: “aos 30 anos, o importante é acordar com alguém, dormir de conchinha”.

Entretanto, passadas as festas de final de ano, achei melhor terminar o que tínhamos. Em breve eu teria que voltar ao Brasil e você queria que eu permanecesse na Espanha. Você sabe que eu precisava voltar ao Brasil, mesmo que eu não quisesse

retornar. Então, achei que já era hora de terminarmos. Da primeira vez em que me programei para ir até sua casa para dizer “ logo vou embora”, entrei no metrô e acabei descendo em uma estação anterior. Voltei para casa. Você ficou chateado porque eu não fui. Alguns dias depois nos encontramos em um café, no centro de Madrid. E ali, pela primeira vez, terminei “um namoro” com alguém e em uma língua que eu nunca dominei completamente. Você chorou. Eu não chorei.

Pouco tempo depois nos encontramos uma última vez, em outro café, também no centro da capital espanhola. Esse encontro não foi para dizer que eu não queria mais seus afagos, suas surpresas, seus beijos, sua timidez na minha cama. Foi para dizer que eu estava indo embora em poucos dias. Você parecia irritado, contrariado. Eu só estava triste. Conversamos sobre algumas banalidades, andamos pelos parques e pela *Gran Vía*. Acompanhei você até a estação de metrô *Puerta del Sol* e, dessa vez, vi você desaparecer em meio à multidão. Naquele dia, fui eu que chorei.

*Dieison Marconi;  
São Paulo, Brasil, julho de 2022*

### **Ao rapaz que eu amei**

Augusto,

Hoje lembrei daquele dia em que eu, andando de bicicleta pela ciclovia da Orla do Guaíba, cruzei com você, também pedalando em sua bicicleta. Na verdade, nós nos cruzamos duas vezes antes desse fatídico dia em que aproximamos nossas bicicletas e conversamos por longas horas à margem do lago. Da primeira vez eu olhei e desviei o olhar rapidamente, não tive coragem. Na segunda vez eu olhei e me demorei no seu rosto, na sua barba ruiva e no seu blusão de lã cinza. Ainda assim, eu segui o meu caminho e você seguiu o seu. Porém, na terceira vez eu não consegui seguir o meu



caminho. Nos cruzamos novamente, eu olhei e você olhou. Andei mais alguns metros com aquela coisa quente e vermelha crescendo dentro de mim, desejo a fraturar uma timidez robusta. Dei meia volta e resolvi ir atrás de você.

Talvez eu tenha andado apenas por uns 15 ou 20 minutos, não lembro exatamente. Já estava quase anoitecendo e foi sem demora que eu vi você vindo em minha direção, saindo de uma névoa cinza que se misturava com a claridade amarelada das luzes da rua. Você me olhou e seguiu seu caminho. Nesse momento eu parei e pensei comigo mesmo: deixa de ser ridícula, bicha. Desci da bicicleta e pensei em desencanar. Mas foi aí, então, que olhei para trás e vi que você estava parado no acostamento da ciclovia e olhava em minha direção. A lava quente e luminosa novamente cresceu dentro de mim e eu segui sem medo na sua direção.

Estávamos ambos em lados opostos da rua e fomos, aos poucos, aproximando os corpos metálicos das nossas bicicletas vermelhas. Minha timidez já tinha se dispersado no ar. Disse um oi, perguntei seu nome, você perguntou o meu, me contou que vinha quase todos os dias andar de bicicleta porque estava procrastinando a escrita da dissertação do mestrado; eu contei que também estava escrevendo a tese do doutorado e que andava de bicicleta porque, naquela época, era o único exercício físico para o qual tinha disposição. E assim a conversa fluiu até sentarmos de frente para o lago.

Ali gastamos mais algumas horas conversando, não lembro quantas, eu ouvia você, você me ouvia também. Meus olhos te espreitavam sem medo, sem receio de parecerem apaixonados ou idiotas demais. No meio da conversa você parecia meio triste e me peguei pensando que eu só havia lhe seguido porque, apesar da sua beleza renascentista, você ainda me superava em vulnerabilidade e timidez. Trocamos beijos e afagos, e de vez em quando você colocava sua cabeça no meu ombro, sua barba ruiva

roçava meu pescoço, meus braços envolviam seu corpo. Nesse meio tempo, uma centena de ciclistas trancou o fluxo de carros na avenida mais acima.

Você pediu se eu queria seguir o fluxo daquelas pessoas e eu quis. Andamos por mais alguns minutos em meio àquela massa de corpos sob suas bicicletas, mas o que me importava era estar com você. Poucos minutos depois, no meio do caminho, você disse que estava com fome e pediu que eu lhe acompanhasse num lugar que servia comida árabe. Eu também estava com fome e inclusive gosto de comida árabe, mas fui mesmo porque minha fome de você não estava saciada. Na realidade, muitos meses após nosso primeiro encontro, minha fome de você continuou não saciada.

Fomos e comemos falafel na calçada; fumamos um cigarro – embora eu não goste de cigarros. Fumei porque meu desejo era inalar você. Conversamos por mais algum tempo e você disse que antes de morar em Porto Alegre também viveu no interior, que ia receber a visita da sua irmã no final de semana; descobri que você também fazia terapia e comentei que o guidão da minha bike estava levemente torto, pois eu havia caído no final de semana anterior. Você comentou que talvez pudesse consertar pois estava assistindo vídeos de manutenção de bicicletas no *Youtube*.

As horas passaram e você teve que ir, precisava limpar o apartamento para receber sua irmã. Andei mais um pouco com você até o seu condomínio, nos despedimos com beijos, eu querendo ficar, você também parecia querer ficar. Aí você emendou várias frases, dizendo que poderíamos fazer várias coisas juntos, como encontrar um cadeado para não roubarem os pneus da minha bike, comprar um farol para bicicleta, ir num outro restaurante árabe que você gostava muito. Anotei o número do seu WhatsApp e seu Instagram, combinamos de nos ver novamente. Voltei para casa com borboletas no estômago, sorrindo feito um idiota feliz, apaixonado e feliz. Cheguei em casa e já era tarde da noite, quase sexta-feira. Te escrevi convidando para um vinho e você só respondeu no dia seguinte dizendo que não podia naquele final de semana, mas que tinha adorado o convite e que em outro dia você podia.

Não segui a conversa porque você também havia dito que naquele final de semana estaria bastante ocupado com sua irmã e com um trabalho do curso de francês. Não quis incomodar, mas minha vida ficou em suspenso. Só conseguia mesmo pensar em você, acordava feliz e aquecido naquelas manhãs frias de junho. Acordava ouvindo as músicas cafonas que sempre gostei de ouvir, mas que agora tinham outro sabor, menos melancólico, muito mais alegre. Na esperança de que você me escrevesse a qualquer hora do dia, eu gastei essas horas escutando a sonoridade pop e melancólica de Air, aquela dupla francesa que despontou no final dos anos 1990, como se eu fosse um adolescente em chamas

I'm a high school lover  
And you're my favorite flavor  
Love is all, all my soul  
You're my playground love  
Yet my hands are shaking  
I feel my body reeling  
Times no matter, I'm on fire  
On the playground, love.<sup>3</sup>

E ouvi tantas outras palavras e vozes enamoradas que cheguei a criar um cancionário de amor só para você. Mas nosso segundo encontro nunca aconteceu, nunca tomamos o vinho que combinamos, não fumamos outro cigarro e nosso sexo ficou apenas em minha imaginação. Você havia me dito que sua irmã iria embora na terça-feira, esperei ansiosamente até esse dia e então enviei uma mensagem no WhatsApp. Na tentativa de neutralizar minha ansiedade, apenas perguntei:

- Oi, está tudo bem com você?

Fiquei mais de três dias sem qualquer resposta sua. Nesse meio tempo, contei nossa pequena anedota amorosa para minha terapeuta. Com ela fiz elaborações sobre a vida, disse que eu me sentia feliz pelo que tinha acontecido, que você não me respondia mais e que, mesmo assim, eu tinha adorado ir atrás de você e ter vivido um encontro

---

<sup>3</sup> Playground love, composição de Jean Benoit Dunckel, Nicolas Godin e Thomas Croquet.

quase cinematográfico. Acrescentei que estava tudo bem com o gesto de oferecer amor à outra pessoa e ela não aceitar. Tentei acreditar que eu havia acabado de criar uma boa narrativa para mim mesmo quando, na verdade, dessa vez era eu que não conseguia aceitar o fato de que depois de te conhecer como em uma comédia romântica da Sessão da Tarde, você não correspondia ao amor que eu lhe oferecia.

Naquele momento, Augusto, e ao menos em parte, eu novamente estava me debatendo com todo um conjunto de sensibilidades da cultura visual de comédias românticas hollywoodianas dos anos 1980. Assim como você, eu não vi a década de 1980 acontecer. Ainda assim, minha infância vivida entre os anos 1990 e anos 2000, sendo eu uma criança empobrecida sem acesso à internet e TV paga, mas com acesso quase irrestrito aos canais abertos de televisão, foi enxertada por uma iconografia cinematográfica oitentista em que jovens norte-americanos com jaquetas jeans flanavam por estradas desertas, estações de metrô, postos de gasolina, parques de diversão iluminados. Eu queria viver isso com você. Você não queria viver isso comigo.

Depois de pacientemente escutar minha lamúria, minha terapeuta me perguntou o que eu realmente gostaria de dizer a você para além de um simples “Oi, está tudo bem?” Então, logo depois da consulta, escrevi para você:

- “Poxa, nem para responder e dormir de conchinha nesses dias frios”.

E você respondeu no dia seguinte, rindo e dizendo que estava bem, mas que as coisas não estavam tão tranquilas. Li sua resposta enquanto escutava *Cadê você*, de Odair José. Então, novamente feliz, tentei responder de um jeito leve:

- “Eu estava me zoando. Obviamente você não era e não é obrigado a responder, embora isso tivesse me deixado feliz. Mas intuía que você estava ocupado ou não estava bem”.

O que tem acontecido?

Depois disso, você nunca mais me respondeu. Também não sei se você visualizou essa última mensagem, pois o silêncio foi tão intenso que achei melhor arquivar nossa conversa. Os dias seguintes foram de uma amargura sem tamanho. Lembro que eu ainda segui por muitos dias escutando canções e pensando em você, sua ausência era tão presentificada em meus dias que não havia outra possibilidade senão a de atender a tristeza que eu sentia, senão a de viver a crise em crise. Como nas canções pops de Jessie Ware, sentia como se você tivesse me deixado dançando sozinho em uma noite de luz pálida.

Don't leave me dancing in the pale blue light  
Feels like our dream is almost over  
Can I wake up in your arms, your arms, your arms?  
4

Sofri em várias línguas, Augusto. Sofri ouvindo músicas pop cantadas em inglês, pois, se é quase impossível não pensar na longa associação entre o amor e Hollywood, também é impossível não pensar em como a materialidade de uma língua não se desprende das formas culturais que a veiculam. E certamente, às vezes sem perceber, foi no inglês que eu encontrei o idioma privilegiado para expressar o lampejo amoroso que senti, assim como sua derrocada, pois trata-se da língua do amor em sua inflexão mais espetacular, *pop* e onipresente, vinculada aos arrebatamentos dos astros e estrelas, dos testemunhos apaixonados e, por isso mesmo, “*over the top*” (SOARES, 2021).

O que não significa que eu não tenha sofrido ouvindo músicas em espanhol, Augusto. Mesmo que a língua inglesa seja comumente associada ao amor midiático, cuja repetição consolidou na cultura ocidental todo um repertório de frases feitas e triviais, também gastei minhas horas ouvindo Paulina Rubio cantar alguns versos que

---

<sup>4</sup> Pale Blue Light, composição de James Ellis Ford, Danny Parker, Jessica Ware e Shungudzo Kuyimba.

são o suprassumo de uma sensação incandescente e possessiva de apaixonamento. Eu queria que você fosse meu.

Cada camino que piso, me lleva hacia el  
Ninguno de mis cinco sentidos, te olvida despues  
Entre las cosas que hago, y las que digo  
Va siempre conmigo, es mi sombra fiel.  
Mio, ese hombre es mio<sup>5</sup>.

Em 2020, isolado em minha casa, reencontrei novamente esta canção de Paulina Rubio em um filme chileno exibido pelo Mix Brasil e lembrei de você. Caso queira vê-lo em algum momento, o longa-metragem se chama *Los Fuertes* e foi dirigido por Omar Zúñiga Hidalgo. Esta canção de Paulina me arrebatou novamente em uma cena que talvez nós dois tivéssemos vivido juntos, caso você tivesse me respondido. Imaginei nós dois acordando juntos na mesma cama, depois íamos para a cozinha, ambos usando blusão de lã e cueca, eu pedindo se você gosta de açúcar no café e, de repente, o pop radiofônico de Rubio se avoluma, invade todos os aposentos da casa, e então nós dançamos juntos, apaixonados.

Para mim, toda esta cenografia, bem como as baladas românticas em espanhol, muitas delas traduzidas para o português, ou mesmo os boleros mais tradicionais, também conseguem expressar, tanto quanto o inglês, o sabor agridoce de estar apaixonado. Mas foi em português, novamente com Adriana Calcanhotto, que eu cantei que “depois de ter você, nada ficou no lugar”. E com ela também cantei que minha maior vontade, louca e raivosa, era de “de escrever no seu muro, de violentar o seu rosto, de invadir sua aula” para ver se assim você voltava pra mim. Mas você nunca voltou. Essa carta é mais um monólogo, você mais uma vez não me responderia.

*Dieison Marconi*  
*São Paulo, julho de 2022*

---

<sup>5</sup> Mío, composição de Claudia Brant, Howie Dorough e Gen Rubin

**P.S:** Certa vez, quando estava com minha mãe em um hospital no interior do Rio Grande do Sul, perambulei sozinho pelo hospital até me deparar com uma capelinha incrustada em meio ao corredor branco e gelado. Entre várias estátuas vernáculas de santos que nem soube identificar, havia uma estátua de São Francisco. Sei que é de São Francisco porque a estátua suspendia parte de sua túnica marrom e exibia um machucado na coxa direita, uma ferida aberta e vermelha. E havia um cão recostado em sua perna esquerda. Primeiro, achei sexy a maneira como o santo erguia sua túnica e exibia sua coxa, apesar do membro estar machucado. Fiquei imaginando que se ele suspendesse a roupa por mais alguns centímetros, ele mostraria seu quadril, sua virilha, sua bunda, seu pau. Seria São Francisco *un maricon herido*, Augusto? Não sei. Os olhos claros do santo me pareceram tristes, melancólicos e distantes, como os seus. Entre os olhos opacos despontava um nariz longo e afilado, como o seu. Achei que a barba moldava o rosto da estátua de um jeito bonito, como a sua barba moldava seu rosto. Vi você ali, Augusto. E me senti ridículo.

**Algumas considerações: “todas as cartas de amor são ridículas”**

“Todas as cartas de amor são ridículas. Não seriam cartas de amor se não fossem ridículas”, escreveu Fernando Pessoa, em 1935, sob o heterônimo de Álvaro de Campos. Mas não são apenas as cartas de amor que podem ser ridículas: canções, filmes, séries televisivas, romances, novelas, contos, poesias e todo um extenso, e lascivo, repertório de produtos literários, cinematográficos, fonográficos, artísticos e midiáticos que se apropriaram dessa sensibilidade que já há alguns séculos chamamos de amor romântico também podem ser bastante ridículos.

A existência do amor romântico é tão longa quanto sua crise, porém, me pergunto se já houve outro momento histórico em que esta estrutura de sentimento tenha sofrido tantas críticas como nas últimas duas décadas. Críticas necessárias, inclusive,

vindas de diferentes campos de estudos ou mesmo de ativismos políticos e culturais. No entanto, se engana quem acha que os dramas e comédias românticas hollywoodianos, os contos de fada da Disney e quase todo o repertório da música pop ocidental foram os únicos pulverizadores da idealização romântica do amor.

Na verdade, estes produtos da cultura pop e/ou da cultura popular, especialmente aqueles produzidos e disseminados ao longo do século XX, apenas se apropriaram de uma sensibilidade estética que já aparecia em peças literárias desde o fim do século XVII e que mais tarde foi incorporada ao modelo de relacionamento (o amor verdadeiro) das classes médias europeias e americanas do século XIX, com o propósito de se distinguir moralmente da “promíscua classe alta” e da “animalesca classe baixa” (KATZ, 1996).

Desse modo, como destaca Fábio Ramalho (2014), inspirado no extenso trabalho de Irving Singer (2009), percebe-se, na longa história cultural do amor como sentimento,

Uma intensa interferência e encadeamento de distintos códigos, lógicas e saberes provenientes das mais diversas esferas e campos de ideias: ora se atribui ênfase à castidade e à não consumação da relação, ora exalta-se o prazer erótico como seu grau máximo de realização; por vezes ele é circunscrito ao interior do casamento, outras vezes o que se reivindica é a irredutibilidade do amor a qualquer instituição ou mecanismo formal de legitimação; ora se afirma sua submissão às divisões e estratificações da sociedade em classes, hierarquias e castas, ora se considera a possibilidade de relações transversais que seriam, não obstante, rigorosamente codificadas segundo regras sociais de aproximação e mobilidade social; ora também se admite ou mesmo se elogia o cultivo de relações entre pessoas do mesmo sexo, ora se exclui de forma veemente a possibilidade do amor em práticas e modos de vida que escapem ao modelo heteronormativo. (RAMALHO, 2014, p.22)



Ainda que eu considere necessária uma crítica comprometida com tamanha codificação dos sentimentos, nestas duas cartas de amor que acabei de escrever, optei por um caminho distinto. Isto é, deixei em segundo plano a preocupação exclusiva da maior parte de críticos, pesquisadores e ativistas com questões de representação, significado e ideologia, inquietação por excelência das teorias comunicacionais e sociológicas que consideram o cinema, a música e a literatura enquanto linguagem, dispositivo ou práxis social e ideológica, para, mais uma vez, e na esteira de Steven Shaviro (2015), colocar em primeiro plano minhas respostas afetivas ao ideal de amor romântico pulverizado pela cultura pop.

Como nos informa Monclar Valverde em seu acurado texto “Comunicação e experiência estética” (2010), quando consideramos a repercussão ou a ressonância do conceito de experiência estética nos estudos em comunicação, é necessário que esta relação entre comunicação e experiência estética seja problematizada, no mínimo, em três níveis: no terreno conceitual, no âmbito metodológico e no plano de configuração das áreas acadêmicas.

Acredito que no terreno conceitual, eu tenha problematizado esta relação justamente quando opto por colocar em primeiro plano as respostas afetivas que eu, enquanto um homem gay de 30 anos, ainda pode oferecer àqueles artefatos midiáticos e culturais que, de fato, e em alguma medida, colaboraram para que as homossexualidades fossem experienciadas enquanto trauma cultural. No entanto, acredito que esta resposta afetiva pode, inclusive, ser mais reparativa do que paranoica (SEDGWICK, 2020). Isto é, através das cartas, tento recriar de forma criativa e ontogênica a estética e a narrativa desses dispositivos *mainstream* que me ofereceram pouca ou nenhuma âncora de representação, especialmente durante minha infância e adolescência, mas diante dos quais também não consigo, e talvez nem queira, ficar longe de suas interpelações prazerosas. E é precisamente desse modo, ao escrever estas

cartas, em que a relação entre comunicação e experiência estética também é tensionada em um nível metodológico.

Ter feito estas reflexões em forma de cartas de amor também se tratam de um exercício epistemológico que se configura como uma atitude estética reparadora que também está ligada aos projetos de sobrevivência (SEDGWICK, 2020). Não apenas às minhas estratégias de sobrevivência, mas também as estratégias de sobrevivência de outros sujeitos *queer* que forjaram seus primeiros ideais de amor através de produtos culturais midiáticos, serializados, populares, em grande medida voltada para “um público de massa”, mas que na imensa maioria de seus produtos também nos mostravam personagens brancas, heterossexuais e cisgêneras.

Não acredito que esta atitude estética, isto é, escrever cartas de amor, seja menos ou mais iludida e fantasmática que uma leitura crítica, séria e engajada contra o ideal do amor romântico. Mas defendo, isto sim, que o diferencial desta minha atitude reside justamente na indeterminação que convida a quem lê a uma reflexão a respeito das diferentes formas pelas quais “sujeitos e comunidades minoritárias conseguem nutrir-se com os objetos de uma cultura cujo desejo declarado foi, muitas vezes, o de não as sustentar” (SEDGWICK, 2020, p. 420). Em outras palavras, busquei refletir sobre como minha percepção estética, posicionada e reparadora, é capaz de colocar em jogo, como explica César Guimarães (2006), uma relação experimental entre a significação dos objetos estéticos e a experiência presente, ao me permitir fazer uma experiência com as experiências presentificadas por esses objetos fragmentados, parciais e libidinosos.

No terreno das configurações das áreas acadêmicas, optei por escrever amplamente sobre experiência estética e cultura pop e/ou cultura popular, enunciando em diferentes momentos do texto alguns filmes, músicas e séries que fizeram parte da minha experiência estética em diferentes momentos da vida. Na maioria das vezes, pouco me importa se as imagens com as quais me relaciono são chamadas de cinema ou

pintura, novela ou série de televisão. Se uma instalação ou uma pintura pode ser vista consensualmente como arte enquanto um videoclipe ou telenovela seriam indignos de tal atributo, optei aqui por não reduzir o estético – e a experiência estética – enquanto relação possível apenas no “campo do artístico canônico”. Isso acabaria por reforçar, mais uma vez, como já expôs César Guimarães (2006), uma distinção anacrônica entre cultura erudita e cultura de massa, originalidade e reprodução em série, obra e produto midiático.

Esse texto é o último de uma série de artigos e ensaios publicados por mim nos últimos dois anos, em que todos eles produzem uma reflexão a respeito das relações entre estética e política, políticas da imagem e políticas da ficção, especialmente no contexto das culturas pop e/ou populares. O primeiro texto foi escrito em parceria com Fábio Ramalho em 2020. O segundo e o terceiro foram escritos em parceria com Gabriela Almeida, ambos em 2021. Neste quarto e último texto, estas duas cartas de amor, eu queria que fossem um voo solo. Por fim, Javier e Augusto não são nomes reais, optei por não revelar a identidade desses dois rapazes com os quais me envolvi. A respeito de Javier, sei que ainda vive em Madrid, e atualmente está namorando com outro menino. Nunca mais tive resposta de Augusto.

### Referências

- ALMEIDA, Gabriela; MARCONI, Dieison. Trabalhar imagens, reparar o visível: a política da imagem como prática reparadora. **Anais do 30º Encontro Anual da Compós**, 2021, São Paulo. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2021
- GUIMARÃES, César. O que ainda podemos esperar da experiência estética? In: **Comunicação e experiência estética**. Org: GUIMARÃES, Cesar; LEAL, Bruno Souza; MENDONÇA, Carlos Camargo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. Pequenas crises: experiência estética e mundos cotidianos. In: **Comunicação e experiência estética**. Org: GUIMARÃES, Cesar; LEAL, Bruno Souza; MENDONÇA, Carlos Camargo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- LOVE, Heather. **Feeling Backward: Loss and the Politics of Queer History**. Cambridge: Harvard University Press, 2007.
- MARCONI, Dieison; RAMALHO, Fábio. Carta de uma criança queer para outra criança queer: percursos espetatoriais desviantes na infância. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, REBEH, Vol. 03, N. 09, 2020.

- MARCONI, Dieison, ALMEIDA, Gabriela Machado Ramos de. "And I need you now tonight, and I need you more than ever": romantismos de artifício no cinema brasileiro contemporâneo. **Contracampo**, Niterói, v. 41, n. 1, p. 50-66, jan. /abr. 2022.
- MARTIN-BARBERO, Jesús. Culturas populares: In: ALTAMIRANO, Carlos. (Ed.) **Términos críticos de sociología de la cultura**. Buenos Aires: Paidós, 2002, p.49-69.
- MARTIN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2003.
- PERLONGHER, Néstor. "Nueve Meses En París." *Hispanérica*, vol. 28, no. 84, 1999, pp. 53-57. **JSTOR**, <http://www.jstor.org/stable/20540156>. Acesso: 25 Jul. 2022.
- PESSOA, Fernando. **Poesias de Álvaro de Campos**. Lisboa: Ática, 1993.
- RAMALHO, Fabio. Variações sobre a cena do encontro amoroso. **Revista Brasileira de Estudos em Cinema e Audiovisual**, REBECA, v. 3, p. 1-26, 2014.
- RAMALHO, Fabio. Para habitar um mundo de imagens e sons: práticas minoritárias no audiovisual. **Revista Imagofagia**, v. 17, p. 499-521, 2018.
- SHAVIRO, Steven. **O corpo cinemático**. São Paulo: Paulus, 2015.
- SEDGWICK, Eve. Leitura paranoica e leitura reparadora, ou, você é tão paranoico que provavelmente pensa que este ensaio é sobre você. **Remate de Males**, v. 40, n. 1, p. 389-421, 2020.
- SOARES, Thiago. **Modos de experienciar música pop em Cuba**. Recife: Editora UFPE, 2021.
- SINGER, Irving. **The nature of love 2: Courtly and romantic**. The MIT Press: Cambridge, Massachusetts; London, England, 2009.
- VALVERDE, Monclar. Comunicação e experiência estética. In: **Entre o sensível e o comunicacional**. Org: GUIMARÃES, Cesar; LEAL, Bruno Souza; MENDONÇA, Carlos Camargo. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010.
- KATZ, Jonathan. **A invenção da heterossexualidade**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

Carta al chico que me amó, carta al chico que amé: un ensayo sobre la experiencia estética, la cultura pop y el desajuste amoroso

Resumen: Tomando como punto de partida la experiencia estética con diferentes productos de la cultura pop y/o popular que exploran el sentimiento amoroso en su vertiente romántica, este texto depura algunos de los códigos y clichés que conforman este imaginario del amor. A partir de esta depuración, se reflexiona sobre cómo el amor romántico, aunque no sobreviva como modelo viable de relación, aún subsiste como experiencia estética. Recurre a la escritura anacrónica de dos cartas de amor como propuesta metodológica y a la teorización como dispositivo de memoria personal y cultural, alejando la crítica comunicacional y sociológica de un tejido "serio y comprometido" contra el amor romántico en la cultura pop y proponiendo incluso una reflexión reparadora (SEDGWICK, 2020) sobre las diferentes formas en que sujetos y comunidades minoritarias se nutrieron y/o se nutren con objetos de una cultura cuyo deseo declarado fue, muchas veces, no sostenerlos.

Palabras clave: experiencia estética; cultura pop; amor romántico; prácticas reparadoras.

Recebido: 24/03/2023

Aceito: 23/08/2023